

“QUERO SER JOGADOR DE FUTEBOL”: MEMÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO NAS CATEGORIAS DE BASE

Everton de Albuquerque Cavalcanti¹

André Mendes Capraro²

Fernando Renato Cavichiolli³

Resumo: Nesse texto abordamos as dificuldades e perspectivas dos aspirantes a carreira de jogador de futebol profissional. Tal questão surge como problemática a partir do momento em que compreendemos a relevância do futebol no cenário esportivo e conseqüentemente, a concorrência para adentrar nesse espaço representativo socialmente e financeiramente. Para isso, nosso objetivo é retratar as memórias de atletas e ex-atletas profissionais, bem como discutir suas experiências nas categorias de base do futebol brasileiro. Nos pautamos metodologicamente na história oral que é um método de pesquisa que se utiliza de entrevistas com sujeitos que vivenciaram experiências que de alguma forma podem servir para analisarmos um determinado objeto de estudo. A partir disso, realizamos duas entrevistas com atletas profissionais e três com ex-atletas profissionais de futebol. Assim, destacamos as dificuldades no processo de desenvolvimento dos atletas nas categorias de base, bem como a falta de estrutura para atender as necessidades dos jovens, já que não existe um preparo para o insucesso nessa profissão.

Palavras-chave: Oralidade; narrativa; formação.

“I want to be a football player”: memories about training in the base categories

Abstract: In this text we address the difficulties and perspectives of aspiring professional football players. Such question arises as a problem from the moment we understand the relevance of football in the sports scenario and, consequently, the competition to enter this socially and financially representative space. For this, our goal is to portray the memories of athletes and former professional athletes, as well as discuss their experiences in the grassroots categories of Brazilian football. We are guided methodologically in oral history, which is a research method that uses interviews with subjects who have lived experiences that in some way can serve to analyze a particular object of study. Based on that, we conducted two interviews with professional athletes and three with former professional soccer players. Thus, we highlight the difficulties in the development process of athletes in the grassroots categories, as well as the lack of structure to meet the needs of young people, since there is no preparation for failure in this profession.

Keywords: Orality; narrative; formation.

¹ Professor Adjunto do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: profvertoncavalcanti@gmail.com

² Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Paraná. Também é professor permanente do programa de Pós-graduação (mestrado/doutorado) em Educação Física. Email: andrecapraro@onda.com.br

³ Professor titular da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná. Email: cavicca@hotmail.com

Introdução

No Brasil, as crianças são incentivadas na cultura do futebol desde muito cedo, sendo presenteadas com bolas e uniformes, além de estimuladas a acompanhar os jogos pela mídia e nos estádios. Quando crescem são levadas a aprender a jogar, adaptando espaços e materiais para sua prática (CAVICHIOILLI et al, 2011).

Historicamente reconhecido por sua popularidade no Brasil, a cultura de que sua prática é um espaço democrático e aberto para a ascensão social, tornou o futebol um espaço de grande oferta de “pés-de-obra” (DAMO, 2005). Mesmo não sendo a realidade da maioria dos aspirantes, a profissionalização tornou-se um projeto de vida familiar que centraliza as atenções na formação esportiva, mesmo que a chance de alcançar uma carreira bem-sucedida seja mínima (ROCHA et al, 2011).

Ao dedicarem-se precocemente a formação atlética em busca de um espaço nesse universo competitivo, visto que o mercado do futebol é exigente e restrito, abdicam da infância, das relações familiares e até da Educação Básica, tempo de incorporação de conhecimentos que poderiam oportunizar outras possibilidades de inserção no mundo do trabalho (SOARES et al, 2011). Nesse ambiente, um tanto quanto hostil ao desenvolvimento humano, podemos encontrar pontos importantes para formação dos atletas, tais como: sentimentos de alegria e orgulho por meio da identidade e identificação, o desenvolvimento da sociabilidade, o aumento da excitação emocional e a aprendizagem em controlá-los; enfim, vivenciar e colocar a prova os movimentos físicos. Todos esses fatores são destacados por Dunning e o quanto são importantes para indivíduos socialmente menosprezados possam ser incorporados à sociedade (Dunning, 1999).

Nesse desiderato, a investigação histórica ao tratar da memória dos protagonistas da modalidade contribuirá na compreensão das dinâmicas do futebol no campo esportivo, revelando particularidades pouco conhecidas. A narrativa de indivíduos que viveram o processo de formação esportiva em contextos distintos, apresenta subsídios para a discussão social da formação de jovens futebolistas. Assim, o objetivo dessa pesquisa é retratar as memórias de

atletas e ex-atletas profissionais paranaenses, bem como discutir suas experiências nas categorias de base do futebol brasileiro.

A coleta de fontes se deu por via da história oral. Esse método de pesquisa é disposto por entrevistas semiestruturadas que permitem entender a realidade de um tema específico através da experiência e da relação do indivíduo com o objeto estudado (ALBERT, 2005). Em síntese, a história oral é responsável pela construção de suas fontes, que podem ser incorporadas em um banco de dados e posteriormente utilizadas.

Além disso, cabe destacar que esse método tem como um de seus principais objetivos a elaboração consciente do passado, através de uma reinterpretação realizada no presente que procura na subjetividade os significados do objeto investigado. Assim, a história oral permite entender os discursos com base nas experiências legítimas ou não, de indivíduos que se apresentam fidedignos, controversos, descontínuos e criativos, de acordo com o contexto (PORTELLI, 2008).

Esclarecemos que as narrativas apresentadas nessa pesquisa consideram um determinado ponto de vista, sem a intenção de buscar verdades consideradas como absolutas (PORTELLI, 2010). Nessa direção, para a realização do estudo, participaram da pesquisa cinco atletas profissionais de futebol, sendo três ex-atletas e dois em atividade, cujas identidades foram preservadas devido à abordagem de assuntos polêmicos. Esses participantes eram homens, com idades compreendidas entre 25 e 35 anos no momento das entrevistas. Todos atuantes em nível estadual, três alcançando nível nacional e um nível internacional. A tabela a seguir sintetiza as características dos atletas envolvidos na pesquisa:

Tabela 1: Participantes da Pesquisa⁴

JOGADOR 1	JOGADOR 2	JOGADOR 3	JOGADOR 4	JOGADOR 5
32 anos	29 anos	28 anos	28 anos	26 anos
Ex-jogador	Ex-jogador	Ex-jogador	Jogador	Jogador
Categoria de base em clubes das	Categoria de base em clube da série	Categoria de base em clubes das	Categoria de base em clube da séries	Categoria de base em clubes da série

⁴ A idade dos entrevistados se refere ao momento da entrevista.

séries A e B do futebol brasileiro.	B do futebol brasileiro.	séries A e B do futebol brasileiro.	B do futebol brasileiro.	A do futebol brasileiro.
Jogou profissionalmente em clubes de primeira e segunda divisão em nível estadual no Brasil, além de ter atuado na quarta e sexta divisão em nível nacional na Itália.	Jogou profissionalmente em clubes de primeira divisão em nível estadual, primeira e segunda divisão em nível nacional no Brasil, além de ter atuado na primeira divisão em nível nacional em Portugal.	Jogou profissionalmente em clube de primeira divisão em nível estadual e teve contrato profissional com um clube da terceira divisão espanhola, onde não chegou a entrar em campo devido as lesões.	Jogou profissionalmente em clubes de primeira divisão em nível estadual, segunda, terceira e quarta divisão em nível nacional no Brasil.	Jogou profissionalmente em clubes de primeira e segunda divisão em nível estadual e primeira divisão em nível nacional no Brasil.
Entrevista realizada em 05/2016.	Entrevista realizada em 09/2016.	Entrevista realizada em 06/2016.	Entrevista realizada em 03/2017.	Entrevista realizada em 05/2016.

Fonte: Sistematizado pelos autores.

As entrevistas foram realizadas individualmente de acordo com a disponibilidade do sujeito e o local desejado pelo mesmo, como orienta a história oral (CAVALCANTI, 2017). Para as perguntas, elaboramos uma questão base, solicitando que o participante falasse sobre sua trajetória no futebol de base. No momento em que realizamos o questionamento, acrescentamos novas perguntas que avaliamos pertinentes à temática da pesquisa.

Dentre os fundamentos para a escolha do número de entrevistados, considerou-se o tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa, visto que as entrevistas eram relativamente longas e requisitavam tempo para transcrição. Além disso, a quantidade de material coletado já possibilitaria discutir acerca do objeto de investigação (CAVALCANTI et al, 2020).

A escolha dos atletas ocorreu a partir da indicação de possíveis entrevistados, bem como de acordo com a indicação subsequente dos próprios participantes. Na passagem do oral para o escrito, optamos por trabalhar com a transcrição, eliminando vícios de linguagem e adequando a narrativa a norma culta da língua portuguesa, porém, preservando a originalidade da produção

inicial (ALBERTI, 2003). Na identificação de clubes e figuras públicas alteramos os nomes devido a questões éticas relacionadas à abordagem de temas polêmicos⁵.

Dificuldades e perspectivas na formação de atletas nas categorias de base

A exigência na formação acontece na medida em que a negociação de atletas se tornou parte da receita dos clubes de futebol (CRUZ, 2012). Entretanto, a busca por encontrar talentos em meio a quantidade atrapalha o processo formativo, já que os infantes e jovens são expostos a um modelo competitivo que não leva em consideração as fases de crescimento e desenvolvimento, bem como a formação humana (DAMO, 2005). É o que observamos no trecho a seguir:

No Brasil não pensam na formação do atleta, inclusive você vê, pega um jogador na categoria de base, eles querem ver se vai chegar no profissional, chega um momento que eles não veem esse objetivo, ou não vê essa intenção do atleta ou até deles nesse atleta, eles já pegam e afastam e não estão nem aí mais para o atleta, esquece primeiro do profissional, caráter, que é um humano normal, que precisa de um tempo para uma formação, um treinamento correto, para depois lá na frente pensar na vitória. (JOGADOR 2, 2016).

Na Inglaterra, a FA (Football Association) construiu uma proposta a fim de estruturar o futebol de base no país. Pautado em um modelo que atendesse as necessidades das crianças praticantes da modalidade, objetivou melhorar a qualidade das instalações, da metodologia de treinamento e dos recursos humanos que trabalham com a formação de atletas (HOWIEA, ALLISON, 2016)

No Brasil, a reprodução de modelos de treinamento do futebol profissional nas categorias de base resulta em um processo de formação prejudicial as necessidades de desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes. Ao desconsiderar o atleta jovem enquanto ser em construção, desencadeiam prejuízos de médio e longo prazo ao não o preparar para o insucesso nesse mercado (EPIPHANIO, 2002).

⁵ Este trabalho faz parte de um projeto maior e conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Neste cenário, a trajetória futebolística do jogador 2 iniciada por volta dos 6 anos de idade e que culminou no encerramento de sua carreira profissional precocemente por motivo de lesão, evidenciou que a sobrecarga de treinamento no período de formação pode ter lhe prejudicado. Sua narrativa é influenciada ainda pela formação em andamento no curso de Educação Física, com o qual pretende continuar trabalhando no futebol, e a partir da qual lhe propiciou falar com domínio sobre o assunto, demonstrando como a memória resgata os fatos passados, tratando de reinterpretá-los no presente (PORTELLI, 2010).

Em contrapartida, o mesmo participante reconheceu as dificuldades dos clubes na manutenção das categorias de base. As despesas com atletas que não geram contrapartida têm levado a terceirização desse setor para empresários ou para outros clubes menores que só trabalham com a formação de jovens esportistas (JOGADOR 2, 2016).

Sustentar categorias de formação no futebol requer investimento em estrutura e recursos humanos (LIMA, PAOLI, 2017), sobretudo porque a infância e a adolescência são fases de desenvolvimento complexas que requerem atenção. Entretanto, nem todos os clubes têm condições de manter as suas atividades adequadamente, mas tentam como podem com vistas na realização de negócios nesse universo. Não raro, tendo em conta tal dificuldade, recorrem aos empresários, que passam a financiar essas equipes em troca de porcentagens de direitos econômicos de determinados atletas, como observamos no discurso do jogador 2.

Para exemplificar o fenômeno descrito acima, dos 13 jogadores formados nas categorias de base do Clube de Regatas do Flamengo que faziam parte do elenco profissional em 2019, todos tinham seus direitos econômicos fatiados (Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/05/flamengo-direitos-economicos-elenco> Acesso em: 09/04/2021). No Sport Club Corinthians Paulista, em relatório divulgado em 2021, dos 14 atletas formados pelas categorias de base que estão na categoria principal e tiveram essa informação revelada, 10 deles não pertenciam 100% ao clube (Disponível em: <https://centraldotimao.com.br/confira-qual-o-percentual-que-o-corinthians-detem-de-cada-atleta-do-elenco-profissional/> Acesso em: 09/04/2021).

A narrativa expõe uma certa fragilidade na estrutura de base do futebol brasileiro, visto que a falta de organização de alguns clubes implica em problemas que afetam diretamente a formação de jovens esportistas que devido a procura pela profissão são levados ao constante sacrifício, a superação da dor, a vida em alojamentos e ao descaso com a escolarização em detrimento do esporte de alto rendimento (DAMO, 2005). Ademais, a Lei Pelé reduziu o poder das instituições sobre os jogadores, diminuindo a possibilidade de receitas na negociação de atletas, conforme o contrato chega perto do fim (SOARES et al, 2011).

Atualmente, ao negociar um novo contrato com o atleta, o clube cede porcentagens que teria nos direitos econômicos, perdendo parte de uma futura negociação, o que talvez, justifique em partes essa redução dos investimentos nas categorias de base. Neste cenário, a instituição formadora perdeu força na relação com futebolistas e empresários, reduzindo seu potencial de influência nas decisões do rumo da carreira de jogadores de futebol (CAVALCANTI, CAPRARO, 2015).

No que diz respeito as experiências vividas nas categorias de formação, o jogador 1, vindo de uma família dedicada em sua formação humana e esportiva, afirmou que apesar do clube A ceder moradia e ter um segurança que cuidava do local, os atletas da base – alguns já bem remunerados – tinham autonomia para tomar as próprias decisões, muito embora tivessem que prestar conta de suas ações (JOGADOR 1, 2016). Em narrativa correlata, outro participante relatou:

Acho que falta uma estrutura, não só da família, que muitas vezes nem está tão presente, que a gente vê aqui nos clubes brasileiros, já têm jogadores com 13, 14, 15 anos morando nos alojamentos, sem uma estrutura psicológica. Então do que eles vivem? Praticamente só do futebol. Então o primeiro dinheiro que eles ganham é comprar o celular, é comprar um carro depois que ganha um pouco mais, é comprar cordão de ouro e isso daí fica a culpa da comissão, dos dirigentes que deveriam fazer palestras, deviam não somente falar com o jogador que deu problema. É muito difícil isso, você vê, se perguntar para 10, todo mundo acha: “eu vou jogar futebol e vou ficar rico”, é o que eles falam e esquecem do treinamento (JOGADOR 2, 2016).

Ao deixar seu lugar de origem, “[...] modifica-se a organização cotidiana da vida do atleta, organização na qual se deixa de contar com auxílios e costumes estabelecidos para se ter que assumir novas funções e tarefas do cotidiano” (SALOMÃO et al, 2014, p. 448). Alguns desses indivíduos não estão preparados

para a responsabilidade nas tomadas de decisão ao viver longe da família, gerando problemas no processo de formação que podem ter consequências na vida adulta.

A responsabilidade excessiva faz aos atletas, prematuramente, típicas exigências da vida adulta. Em vias de transição final para um mercado de trabalho competitivo, ainda em formação e sem suporte psíquico, muitos jovens atletas apresentam problemas de conduta causados pela ascensão social e financeira repentina (SALOMÃO et al, 2014).

Assim, embora o futebol de base seja baseado em duas perspectivas – a) preparar atletas para servir ao time principal e; b) agregar valor em futuras negociações – é necessário compreender o indivíduo a partir de sua fase de desenvolvimento, levando em consideração o seu bem-estar e a preservando sua juventude. Esse apoio no processo de formação do jogador de futebol aumenta as possibilidades de êxito nos objetivos esportivos e econômicos dos clubes (MCGREGOR, 2019)

Ademais, duas histórias semelhantes, as dos jogadores 1 e 2, mostram a existência de um compartilhamento social desse tipo de problema no futebol. Apesar das experiências terem sido retratadas em contextos distintos, assemelham-se pelo padrão de comportamento estabelecido entre os sujeitos de um mesmo grupo, o que denominamos de memória coletiva (HALBWACHS, 2013).

Quanto as dificuldades de prosseguir com os estudos concomitantemente à carreira esportiva, um entrevistado relatou que apesar da estrutura, o clube A não costumava dar atenção individualizada e mesmo os atletas juvenis e juniores precisavam criar autonomia e se comportar como adultos. No caso dele, teve a influência dos pais para continuar estudando em paralelo com a formação esportiva. O colaborador relatou ainda que o clube disponibilizava cursinho vestibular e acompanhamento pedagógico, mesmo que não houvesse exigência e acompanhamento de desempenho (JOGADOR 1, 2016). O jogador 2 narrou algo símile:

No clube A, no juvenil eu treinava os dois períodos, até porque eu já fazia parte do elenco juvenil e já jogava alguns jogos pelo júnior, já ia para o banco, então era praticamente a semana toda dois períodos e no final de semana tinha jogo, então era bem

corrido, era cansativo e eu conseguia estudar a noite. A gente aguentava até porque o pai obrigava, porque se fosse só por mim, eu já tinha abandonado. Mas agradeço hoje também meus pais por estar sempre ali em cima: “não, vai estudar porque o futebol pode acontecer coisas que você pode acabar a carreira muito cedo”, então o ensino médio eu consegui concluir. Muitas vezes a gente chegava na escola, um ou outro professor ajudava porque já sabia, a gente conversava ou até mesmo o clube conversava com o diretor, com os professores (JOGADOR 2, 2016).

A exposição da memória é influenciada pelo momento que o indivíduo se encontra no tempo presente (THOMPSON, 1992). Assim, o discurso de agentes que não fazem mais parte da estrutura do futebol devido ao encerramento da carreira, identifica a relevância da continuidade dos estudos pela necessidade de enquadrar-se na sociedade após a trajetória esportiva.

Desse modo, embora os entrevistados 1 e 2 tenham terminado o ensino médio ainda atuando na formação no futebol de base, ambos priorizavam o esporte em detrimento dos estudos. Isso é comum aos atletas em desenvolvimento, pois estes compreendem a carreira esportiva como meio mais fácil de ascensão social, mas, conseqüentemente, acabam sem perspectivas profissionais quando preteridos na transição para a categoria profissional (MORO, BERTICELLI, 2019). Ainda acerca dessa celeuma, outro entrevistado afirmou:

Não, prejudicou demais, porque enquanto eu estava jogando só no clube A ou no clube B, ainda conseguia ir para a escola, mas depois que eu comecei a viajar muito com a seleção, eu perdia muita aula. Ficava um mês na aula, pegava a matéria da prova, mas quando ia fazer a prova, não conseguia fazer porque estava viajando, ou senão, eu perdia toda a matéria da prova e chegava só para a prova, então para mim foi difícil, eu ainda não terminei os meus estudos. A escola que eu estudei não aceitava. Ali no Colégio Y a diretora não gostava, ela falava para mim: “ou você estuda ou você joga bola, você tem que escolher um dos dois”. Daí eu falava: “não posso escolher um dos dois, se eu for escolher algum, eu vou escolher o futebol”, isso sem dúvida. (JOGADOR 5, 2016).

Entre estudar ou jogar, a preferência pela carreira esportiva se dá pela esperança de alcançar a distinção econômica e social, mesmo sem ter garantia de sucesso (MORO, BERTICELLI, 2019). A relação entre oferta e procura por oportunidades no futebol o tornam profissão antes mesmo da categoria adulta.

Assim, a necessidade de dedicar-se com exclusividade aos treinos e jogos atribuem a escola um papel secundário, ainda mais em se tratando de atletas com algum destaque no cenário nacional, como no caso do jogador 5 que serviu a seleção brasileira sub15, sub17 e sub20.

Para Rocha et al (2011) o tempo dedicado aos treinos, viagens e jogos implica na renúncia a atividades sociais da juventude “comum”, causando, dentre outros prejuízos, uma defasagem na formação escolar. Assim, os malsucedidos no processo de profissionalização esportiva, via de regra, acabam não transformando seu capital corporal em novas oportunidades profissionais.

Esse processo de dedicação a carreira pode ser explicado pelo conceito de identidade atlética, já que desde cedo os indivíduos que se desenvolvem no futebol de base se identificam como parte desse meio. Ao renunciarem a vida social e educacional, acreditam que sua trajetória no esporte vai se consolidar na transição para a equipe principal de um clube representativo, sequer cogitando a possibilidade de não ingressarem nesse espaço (BROWN, POTRAC, 2009).

Em contrapartida, o jogador 4 (2016) aponta que para ele foi tranquilo conciliar a formação esportiva com os estudos – morava com os pais, atuava por um clube de sua cidade de origem e não tinha o “problema” de servir a seleção brasileira. Assim, ele se adequava de acordo com a necessidade, sendo que até a categoria infantil os treinos aconteciam a tarde e apenas quando passou a categoria juvenil precisou estudar no período noturno, já que os treinamentos alternavam entre a manhã e à tarde.

A carga horária dedicada aos treinamentos em relação aos estudos demonstra a prioridade na formação esportiva em detrimento a escolar. Isso é acentuado quando o atleta estuda no período noturno, que, de modo geral, apresenta menor qualidade de ensino que o diurno (MELO et al, 2016).

Assim, compreendemos que quanto maiores as exigências do nível esportivo em que o atleta está inserido, maiores também as renúncias necessárias a fim de permanecer nesse espaço (ROCHA et al, 2011). Esse cenário é notório no comparativo das experiências dos jogadores 4 e 5, em que o primeiro, mesmo com a dupla jornada, finalizou o Ensino Médio, enquanto o segundo não conseguiu devido as exigências de ser atleta de seleção brasileira, sendo assim, requisitado para períodos de treinamento e competição fora de sua cidade de origem.

Ademais, a narrativa notabilizou a perspectiva de Bruner (2014), segundo a qual a representatividade e a descrição detalhada de fatos relacionados ao tema partem da exposição de problemas que afetaram a trajetória do sujeito. Como essa questão da conciliação entre futebol e escola não se concretizou em uma relação de conflito no caso do jogador 4, o discurso foi praticamente irrelevante.

A respeito de outras dificuldades, o jogador 3 descreveu:

No clube A passei no teste, bacana, ia disputar o Campeonato X, apesar de ser um time pequeno, mas o Campeonato X, um campeonato melhor de ser disputado. Só que a estrutura lá era péssima! Nossa, o campo primeiro que era quase que de terra, aí você ia tomar café da manhã os caras misturavam água no leite no café da manhã, tanto que teve um dia lá que deu desarranjo em todo mundo, não teve nem treino, porque misturaram muita água no leite no café, aí teve um almoço lá que os caras pegaram uma massa de macarrão caseira e não tinham dinheiro pra colocar molho, fazer o molho, colocaram o do miojo, o pozinho do miojo, cara aquilo endureceu que virava o prato e não caia, entendeu? Então ali estava bem complicado de ficar mais por causa disso sabe e condição de treinamento, tudo mais, não recebia nada, aí eu resolvi sair (JOGADOR 3, 2016).

O processo de formação de um atleta é longo e conflituoso. As exigências do treinamento, a estrutura dos clubes, a seletividade, a distância da família e os problemas com requisitos básicos de sobrevivência como a alimentação são alguns dos obstáculos enfrentados (GUERRA, SOUZA, 2008; MARQUES, SAMULSKI, 2009, CAVICHIOLLI, 2013). No caso retratado, as dificuldades tornam-se ainda mais conflitantes com as necessidades mínimas para o desenvolvimento de jovens esportistas, que se submetem a condições adversas em busca de um sonho profissional.

A representatividade que o entrevistado atribuiu a sua experiência notabilizou esses problemas que afetam principalmente os clubes com menor poder de investimento. Nesse ponto pensamos no que Passerini (2011) propõe como limiar de compreensão da memória enquanto realidade e imaginação, visto que o sujeito pensa que terá a oportunidade de se destacar em um campeonato competitivo, quando na verdade as dificuldades se sobressaem e frustram a sua intenção.

Essa percepção da representatividade do discurso vem acompanhada da identificação das reações do entrevistado em um trabalho de história oral

(SMITH, 2012). O discurso sarcástico reitera a perspectiva bem resolvida quanto ao fim da trajetória esportiva, em que o jogador 3 reinterpreta as dificuldades de uma polêmica através da ironia. A respeito de outra situação, o jogador 2 afirmou:

Eu acho que isso atrapalhou muito. O esforço que você faz no salão, o impacto é muito grande. Eu joguei dos 7 aos 15 anos direto, isso era, descansava mesmo era 1 dia, 2 dias no máximo. Então num longo tempo isso ia prejudicar, claro que foi quase 8 anos treinando forte, e isso junto com o futebol de campo, então é muito treino, é muita exigência nos treinamentos, então claro que ia acabar afetando de alguma maneira (JOGADOR 2, 2016).

O excesso de treinos e jogos são algumas variáveis que podem causar lesões e atrapalhar o desenvolvimento de jovens atletas (ZAVARIZE et al, 2013). Nesse ínterim, o entrevistado reforçou que o desequilíbrio entre estímulo e recuperação no seu processo de formação atlética foi decisivo para o encerramento precoce de sua carreira.

Com base em Bruner (2014) e Smith (2012) percebemos que a própria formação acadêmica do indivíduo no momento da entrevista⁶ contribuiu para essa percepção de sua trajetória, bem como para a elaboração de sua formação narrativa e ressignificação de suas memórias através do sentimento de frustração e culpabilidade.

Esse sentimentalismo também pode ser explicado pelo conceito de “perda simbólica”, quando o atleta se aposenta precocemente e precisa renunciar àquilo que representava seu objetivo de vida, portanto, a sua identidade. Ao sair do lugar que trabalhou para ocupar, percebeu em um processo de transformação que lhe tira – ou impede de conquistar – o reconhecimento social, o convívio com os companheiros, a “adrenalina” da competição e – em alguns casos – o dinheiro (BROWN, POTRAC, 2009).

Outra dificuldade presente no processo de formação é a rotatividade dos atletas nas categorias de base, sobre a qual o jogador 1 afirmou:

Eu vejo agora pela experiência trabalhando, trabalhei um ano no clube A nas categorias de base, é muita gente. A rotatividade é muito grande, é momento, eu estava bem dois meses antes, depois não estava bem. Não encaixei naquele clube. Dizer: “ah porque eu me machuquei”, eu não vejo por esse lado. Faltou mais maturidade, faltou um acompanhamento melhor talvez, mas é momento mesmo. Tanto que aconteceu partidas cruciais que

⁶ O entrevistado era discente do curso de graduação em Educação Física.

definem a vida, eu joguei contra o clube B, a gente perdeu o jogo, eu joguei contra o clube C e clube D não pode perder para o clube C e eu estava naquela partida. Então se você estava, vai sobrar para alguém, e era eu no momento, entendeu? Tinha os jogadores que tecnicamente chegaram muito mais longe, mas estavam no lugar certo e na hora certa, depois na Taça X foi campeão, jogando um 83 que era dois anos mais novo. Por exemplo, o Caio Henrique entrou no meu lugar e foi campeão, aí: “vamos comprar ele, dois anos mais novo”, então é muito momento (JOGADOR 1).

A rotatividade é um fenômeno cultural e econômico bem típico do futebol e está relacionada a oferta e demanda de atletas, afetando a continuidade no processo de formação, causando prejuízos físicos e emocionais que atrapalham o desempenho, já que o jovem esportista vive constante pressão quanto ao rendimento e a possibilidade de ser descartado (DA SILVA, 2015; NETO, SANTOS, 2017).

Nesse sentido, embasados em Smith (2012) destacamos novamente a formação narrativa baseada nos sentimentos de frustração e conformismo, identificados através das reações, expressões corporais e entonação da voz.

Essa narrativa consolida a experiência de tantas outras histórias que, por um detalhe, tiveram a sua trajetória modificada. Isso decorre da mobilidade estrutural do futebol, já que a rotatividade de “pés-de-obra” permite a seleção de um sujeito dentre vários outros disponíveis (DAMO, 2005).

Dando sequência, outra dificuldade abordada pelo mesmo entrevistado foi a transição das categorias de base para o profissional:

Por exemplo, o Marcelo, o goleiro, que depois foi seleção brasileira, ele era terceiro reserva, ele não jogava, menos moral do que eu quando cheguei lá. O João tinha mais moral que ele, mas era um outro goleiro que na época se perdeu, saía para a balada e começou a achar que era o titular, quando viu, o mundo dá voltas e o cara de largado passou a goleiro. O Maike que está agora no clube A, na época era um cara simples, não era um cara “nossa senhora, é o talento”, mas sempre determinado, cabeça bem estruturada, familiar e tal, foi mantendo o padrão e chegou. E daí você via uns caras que se perdiam, teve o Mateus que foi para o clube B, o cara não parava na concentração e era um talento e ainda foi, mesmo assim o cara consegue chegar, imagina se talvez o cara se poupasse um pouco de certas situações. Mas é que o menino sai muito cedo de casa, que nem, eu saí com quatorze, é muito fácil se perder, isso que eu não morava na república (JOGADOR 1, 2016).

Como explica Da Costa et al (2010) o processo de transição nas diferentes fases da carreira precisa ser estudado a fim de minimizar os impactos causados pelo encerramento precoce. Na compreensão de modelos teóricos que tratam de aspectos como a posição social e o estresse da profissão são ampliadas as possibilidades de tomar decisões satisfatórias com relação as transformações que o atleta passa no decorrer de sua trajetória esportiva.

Assim, compreendemos que a transição da fase amadora para a profissional é multifatorial, já que, apesar do desempenho atlético ainda ser o primordial, outros fatores, como o planejamento de carreira e a percepção subjetiva do atleta com relação as transformações vividas, são fundamentais nesse período da trajetória (MARQUES, 2008). É o que percebemos na narrativa ao citar diferentes exemplos da influência desses fatores nos momentos de ruptura e mudança na carreira.

Alguns desses indivíduos são titulares desde o início de sua formação esportiva, carregando a expectativa do contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014). Porém, o controle das variáveis, principalmente dos fatores emocionais que se mostram significativos nas narrativas, são determinantes no período de transição das categorias de base para a profissional.

Os clubes não são afetados devido à demanda de “pés-de-obra” disponíveis no mercado do futebol (DAMO, 2005), como notamos na própria configuração da rotatividade dos atletas, sobretudo nos clubes estruturados e renomados. Isso acarreta a seleção daqueles que conseguem equilibrar o desenvolvimento físico, técnico, tático e emocional, características de um processo de amadurecimento precoce necessário para se manter na profissão. Um entrevistado afirmou a respeito:

No juniores era cada um por si, tinha dois, três mais amigos. O cara tem a noção que ele está no clube grande e sabe que dali para ir para o profissional muda a vida. O Pedro, primeira vez que ele foi para o profissional ele chegou no quarto e falou: “agora eu estou rico, pegou a correntona, e (som batendo no peito) agora eu sou rico cara”. Tipo era um negócio muito assim, oito ou oitenta. Você está ali ganhando quinhentos reais e de repente você está ganhando vinte mil (JOGADOR 1, 2016).

A busca pela profissionalização no futebol é caracterizada pela superação de obstáculos como a distância da família, a dedicação aos treinamentos, a

dificuldade na conciliação com os estudos e a necessidade de amadurecer precocemente para lidar com a pressão desde o início da trajetória esportiva (ALMEIDA NETO, SANTOS, 2016).

Ao sobrepor as dificuldades e desfrutar da conquista ocorrem mudanças de comportamento devido a representatividade adquirida perante todos os outros que não conseguiram, característico do elixir da vitória que transforma o indivíduo em herói (CAVALCANTI, 2013). É disso que trata a narrativa apresentada, já que a passagem da base para o profissional diferencia aquele que saiu do ostracismo e alcançou um espaço restrito para a maioria.

Na narração fica nítida a ideia de que essa fase de transição é decisiva para a carreira e é nessa linha que o entrevistado trata sua própria história. Ao conviver com indivíduos que conseguiram chegar ao profissional e se tornaram atletas de nível de seleção brasileira, enquanto ele, teoricamente esteve perto, mas falhou, demonstrou sentimento de culpa e tristeza, percebidos com base na formação narrativa (SMITH, 2012).

Em uma outra perspectiva referente a transição das categorias de base para o profissional, o jogador 5 afirmou:

Quando eu estava no clube A, eu era infantil, mas jogava no juvenil, daí fui para o clube B na metade do ano. Eu tinha machucado o joelho, mas era uma lesãozinha normal, nada grave. Tratei, voltei no final do ano. Eu acho que era 2015 [era 2005], daí 2016 [era 2006] eu fiz o contrato profissional, tinha 16 anos. Não ganhava mal. Ganhava bem para um menino de 16 anos. Ganhava 2.500 reais na época. Era um salário bom, já ajudava muito em casa, já podia pagar conta. Eu tinha a casa que eles tinham me dado, então não tinha gasto nenhum com casa e esse foi o meu primeiro contrato profissional que eu lembro com 16 anos. Já com 16 quando faltava alguém no profissional eles puxavam a gente, menino do juvenil, para treinar e já iam colocando a gente, para nós já irmos se acostumando com o profissional. Para o atleta quando tiver a hora certa, subir (JOGADOR 5, 2016).

O processo de formação de atletas insere os jovens no aperfeiçoamento muitas vezes de forma abrupta e até inconsequente. Ao passar pelas diferentes etapas do modelo espiral de desenvolvimento, o talento consolida os aspirantes a protagonistas como trabalhadores formais do futebol de forma precoce, visto que quanto mais se avança em direção a categoria profissional, maiores serão os

benefícios e recompensas, mas também as exigências nesse meio competitivo (DAMO, 2005).

Ao expor a sua trajetória promissora no futebol, o entrevistado 5 demonstrou como as responsabilidades aumentaram conforme ele se consolidava nesse seleção dinâmica de formação de atletas. O futebol se tornou trabalho antes mesmo de assinar o primeiro contrato profissional e os benefícios advindos do reconhecimento do seu talento trouxeram novas obrigações quanto à necessidade constante de aperfeiçoamento dos capitais futebolísticos (DAMO, 2008).

Destacamos ainda que mesmo vivendo outra realidade no futebol atualmente, o entrevistado 5 relembrou essa passagem com sentimento de nostalgia e satisfação, reiterando que a memória busca nos acontecimentos positivos uma forma de reviver a história (SMITH, 2012; BRUNER, 2014). Além do que, as suas experiências parecem ter relação direta com a motivação para ainda estar em atividade (mesmo que de forma praticamente amadora), visto que deseja a representatividade de outrora. Ele continuou:

Ah! Eu fiquei feliz pra caramba, era o que eu mais queria, era ter um contrato profissional de atleta de futebol. Era o meu sonho ter um contrato porque eu sempre, desde pequeno, joguei bola para isso, para virar um jogador de futebol. Eu via Marcelinho Carioca jogando no Corinthians, eu queria ser igual a ele. Eu queria estar onde eles estavam. Onde esses jogadores pisaram eu queria pisar também, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, sempre sonhei em jogar futebol profissional e quando eu tive o primeiro contrato profissional, ainda adolescente, moleque, eu falei: “ah, agora eu sou profissional né. Agora eu já posso até atuar no profissional, se precisar de mim algum dia lá eu já posso atuar porque eu já tenho contrato”. Então eu me senti o cara mais feliz da vida, do mundo (JOGADOR 5, 2016).

Para além dos elementos materiais que promovem o futebol, tais como o contrato de trabalho, o salário, os esforços corporais em treinamentos e jogos, a imaterialidade trata da subjetividade humana quanto à expectativa e a realidade em se tornar jogador profissional. O objetivo do atleta não é apenas o de sobreviver à rígida seleção do seu ofício, mas demonstrar seu talento e ser reconhecido por ele, através da distinção social e da representatividade perante os diferentes agentes que circulam o meio – torcedores, imprensa, dirigentes e profissionais da área (AZEVEDO, 2008).

Considerações Finais

A análise das narrativas estabelecidas nessa pesquisa proporcionou uma compreensão diferente do processo de formação de atletas de futebol, já que circulamos entre o macrohistórico – ao abordarmos as questões por meio do compartilhamento social dos discursos e da identificação de problemas que afetam esse meio – e o micro histórico – em que as particularidades de cada história nos forneceu indícios para discutir a temática de maneira reflexiva.

Assim, dentre os problemas retratados nas narrativas, destacamos as dificuldades no processo de desenvolvimento dos jovens atletas nas categorias de base de clubes, por sinal, que, muitas vezes, não têm estrutura para atender as necessidades humanas dos aspirantes a jogador de futebol, haja vista não os preparar para o insucesso em uma profissão concorrida.

A imaturidade, a vida longe da família e a falta de suporte profissional são outros aspectos que colaboram para que o processo de formação do atleta jovem seja prejudicado. Assim como a dificuldade de conciliar a escola com os treinamentos, viagens e jogos também se mostrou relevante, pois o projeto familiar de se tornar um atleta profissional reconhecido socialmente e financeiramente privilegiado passa a ser prioritário em detrimento à formação acadêmica.

Em alguns casos a estrutura dos clubes, os problemas com requisitos básicos (como alimentação e moradia) foram representativos em histórias que dizem respeito a instituições esportivas sem condições de promover um trabalho de base que viesse atender as necessidades elementares dos aspirantes a jogadores.

Além disso, o excesso de treinos e jogos, bem como a rotatividade dos atletas por diferentes motivos foram pontos importantes para a ruptura do processo de formação ou a continuidade da carreira em longo prazo.

Por último, vale destacar que a busca pela carreira de jogador de futebol supera aspectos relacionados apenas ao contexto material disposto pelo salário, contrato, treinos e jogos, mas diz respeito a tentativa de se enquadrar em um espaço de representatividade e elevado reconhecimento social.

Nesse sentido, as fontes orais se demonstraram uma nova possibilidade de discussão acerca das questões referentes a formação de atletas de futebol. O

viés subjetivo que a pesquisa em história oral promove, acentua ainda mais as singularidades de cada relato e história de vida, promovendo, em alguns casos, uma memória coletiva. Os problemas estruturais, por vezes genericamente discutidos pela mídia e pelo senso comum, neste caso, são observados a partir de um novo olhar.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBERTI, Verena. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

ALMEIDA NETO, Honor. SANTOS, Everton Rodrigo. O preço da bola: processo de formação de crianças do sport club internacional no contexto do futebol em rede. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 34, p. 64 – 82, Jan./Mar., 2017.

AZEVEDO, Aldo Antonio. A imaterialidade do trabalho do jogador de futebol: uma interpretação teórica. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 305 – 313, Jul./Dez., 2008.

BROWN, Gavin. POTRAC, Paul. “You’ve not made the Grade, Son”: de-selection and identity disruption in elite level youth football’. **Soccer & Society** 10, no. 2 (2009): 143–59.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: Direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque. **A mídia e o mito do herói: analisando as matérias do caderno de esportes da Folha de São Paulo a partir do caso Ronaldo**. 2013. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Departamento de Educação Física da UFPR, 2013.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque. CAPRARO, André Mendes. Transferências internacionais no futebol: um estudo de caso comparativo entre os maiores clubes europeus e brasileiros. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, p. 3-15, 2015.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque. OLIVEIRA, Vinícius Machado de. SOUZA, Juliano de. CAPRARO, André Mendes. Poder e corrupção no futebol: memórias acerca da relação atleta-treinador sob o ponto de vista de futebolistas paranaenses. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, 25 (1): 103-122, 2020.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. O processo de formação de jovens atletas no futebol: em Portugal e no Brasil. In: Carlos Educarado de Barros Gonçalves. (Org.). **Educação pelo esporte e associativismo desportivo**: uma ligação necessária. 1ed.; Santa Maria da Feira: Rainho & Neves Ltda 2013, (p. 43-83)

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. CHELUCHINHAK, Aline Barato. CAPRARO, André Mendes. MARCHI JUNIOR, Wanderley. MEZZADRI, Fernando Marinho. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

CRUZ, Rodrigo Machado. A formação de atletas de futebol: um estudo na categoria sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte-MG. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.13, p.189-194. Set/Out/Nov/Dez. 2012.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.23, n. 66, fevereiro, 2008.

DA COSTA, Varley Teoldo. FERREIRA, Renato Melo. PENNA, Eduardo Macedo. DA COSTA, Israel Teoldo. PAIVA, Tatiana Natalina Silva. SAMULSKI, Dietmar Martin. Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2010.

DA ROCHA, Hugo Paula Almeida. BARTHOLO, Tiago Lisboa. DE MELO, Leonardo Bernardes Silva. SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-263, abr./jun. 2011.

DA SILVA, Daniel Vidinha. **Categorias de base**: uma análise da formação e profissionalização dos jogadores de futebol formados nos clubes de Pelotas/RS. 2015. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física da UFPEL, 2015.

DE MELO, Leonardo Bernardes Silva. DA ROCHA, Hugo Paula Almeida. SILVA, André Luiz da Costa. SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Brasília, 38(4), p. 400 - 406, 2016.

DUNNING, Eric. **Sport matters**: Sociological studies of sport, violence, and civilization. London: Routledge, 1999.

EPIPHANIO, Erika Höfling. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 15-22, janeiro/abril, 2002.

GUERRA, Rafael Augusto Penteado. SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Rev. Bras. Futebol**, Viçosa, 01(2): p. 30-37, Jul./dez., 2008

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HOWIEA, Les. ALLISON, Wayne. The English Football Association Charter for Quality: the development of junior and youth grassroots football in England. **Soccer & Society**, 2016 Vol. 17, No. 6, 800–809

LIMA, Mateus Pinto. PAOLI, Próspero Brum. Aspectos a serem considerados no processo de Formação de Base de futebol de 11 a 14 anos. **Rev. Bras. Futebol**, Viçosa, 08(2), p. 12-23, Jan./Jul., 2017.

MARQUES, Mauricio Pimenta. **Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional**. 2008. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2008.

MARQUES, Maurício Pimenta. SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MCGREGOR, Philippa. The Development, Implementation, and Evaluation of an Emotion-Focused Intervention in Youth Academy Football. 2019. 469 f. Tese de Doutorado em Filosofia, Loughborough University, 2019.

MORO, Eduarda. BERTICELLI, Ireno Antônio. Jovens-pobres-jogadores de futebol e suas possibilidades escolares: uma cartografia da educação escolar dos jogadores das categorias de base do futebol brasileiro. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 18, n.1, p. 122-139, jan./abr. 2019.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. História oral italiana: raízes de um paradoxo. **Revista tempos históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 2, 2008.

SALOMÃO, Rodrigo Lourenço. OTTONI, Giovanna Pereira. BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 443-455, set./dez. 2014.

SMITH, Richard Candida. **Circuitos de subjetividade**: História oral, o acervo e as artes. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. MELO, Leonardo Bernardes Silva de. DA COSTA, Felipe Rodrigues. BARTHOLO, Tiago Lisboa. BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOUZA, Juliano de. O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. 432 f. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física da UFPR, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e terra, 1992.

ZAVARIZE, Sérgio Fernando. DE SOUZA, Daniel Longhinhos. GRANGHELLI, Marina. ROSALINO, Ricardo. VOLTAN, Murilo Zonzini. MARTELLI, Anderson. Incidência de lesões musculoesqueléticas nas equipes base de futebol da associação atlética ponte preta. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, 1(2), p. 37-46. Nov. 2013